

Rio, 12 de abril de 1918.

Prezado amigo Antônio Sales:

Começo com um verso dos Lusíadas, aludindo a

O gosto de escrever, que vou perdendo, para que me desculpes responder-te com tanta demora. Não é só o gosto de escrever em verso, perco também o de escrever cartas, ainda quando, como agora, endereçadas a amigos. Nesta conta íntima sempre estiveste, meu Sales; sempre te quis, desde aquela inesquecível noite, no Hotel Mills, em Petrópolis, quando só e a sós falamos de poesia, longamente, até alta noite, desabafando eu na do poeta, hospede ali também, tôda a minha alma opressa sob o trambolho serviços de um cargo público.

Quantos anos lá vão !

De que me estimas e consideras tens me dado as melhores e provas e as deste ainda agora no soneto belíssimo com que exageras o nada que eu valho e nos dois bilhetes, em que, tão longe, lá no "pátrio ninho amado" te lembras de mim.

Tão bem me sinto, ao ver que ainda tenho afeições sinceras, como a tua, e que neste final de vida posso dizer com Gonçalves Dias:

"..... Meus prazeres

Foram só meus amigos; meus amores

Hão-de ser neste mundo êles sômente

Adeus, Antônio Sales. Dê-te êsses ares do torrão de Iracema a saúde de que precisas, e inspiração para nova série de Trovas do Norte, de que todos precisamos.

Recomenda-me à tua Senhora e crê no muito que te quer

Teu velho amigo

Alberto de Oliveira.

P.S. Consegui da Prefeitura fôsse dado o nome do nosso querido J. Veríssimo à escola da rua 24 de Maio, dirigida pela filha dêle, a Ana Flora. O Cícero associou-se de coração à justa homenagem.

Continuando o P.S.: Vi a prova de português da nossa amiguinha Dulcinéia. Infelizmente é menos bela que a autora. Pouca é a esperança de vê-la bem classificada.

Alberto.

Rio, 26 de novembro de 1929.

Antônio Sales

Só agora vou tornando em mim do atordoamento em que me deixaram tremendos golpes.

Neste meio despertar, pousam-me os olhos em um Sacerdote, o // Revdmo. padre Rosa, que me deste a conhecer, e em teu novo livro de versos. Do sacerdote fiquei desde logo cativo. É um alto espírito e coração leal e boníssimo. Já muito lhe quero.

Que direi de teus versos senão que os acho todos dignos de ti? O último poema é dos melhores da nossa poesia moderna. Poesia bem nossa a dêsses alexandrinos de fogo e mágoa, nos quais pompeia a selvagem grandeza antiga e passa, na parte última, a estorcer-se em tremenda desolação a alma de tua terra.

Há muito não me passam pelos olhos tão nobres versos.

Escreve-me. Como vai tua Senhora?

Adeus, meu querido Sales.

Teu

Alberto de Oliveira.